

# A POSSIBILIDADE DE UM SUJEITO EM SAUSSURE: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Vitor Augusto Werner dos Reis<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre a possibilidade de um sujeito no *Curso de Linguística Geral*. Para contemplar tal objetivo, dividimos o trabalho em duas partes: na primeira buscamos definir o conceito de sujeito a partir da perspectiva psicanalítica, passando também por alguns autores da filosofia da linguagem que trazem em sua obra a marca da subjetividade. Depois, a partir de fragmentos do texto saussuriano, analisamos algumas de suas teses, a saber: a dicotomia língua e fala, o valor do signo linguístico, as relações sintagmáticas e associativas, dando ênfase para o caráter mnemônico do eixo associativo. Concluímos que dependendo do ponto de vista dado ao *Curso de Linguística Geral*, é possível identificar, mesmo que de forma periférica ou indireta, a presença de um fora da língua, que podemos interpretar senão como subjetividade, como um princípio.

**Palavras-chave:** Saussure. Sujeito. Psicanálise.

## THE POSSIBILITY OF A SUBJECT IN SAUSSURE: SOME REFLECTIONS ON THE COURSE OF GENERAL LINGUISTICS

**Abstract:** This article seeks to reflect on the possibility of a subject in the *General Linguistics Course*. To contemplate this objective, we divided the work into two parts: in the first, we seek to define the concept of subject from the psychoanalytic perspective, also going through some authors of the philosophy of language who bring in their work the mark of subjectivity. Then, based on fragments of the Saussure's text, we analyze some of his theses, namely: the language and speech dichotomy, the value of the linguistic sign, syntagmatic and associative relations, emphasizing the mnemonic character of the associative axis. We conclude that depending on the point of view given to the *General Linguistics Course*, it is possible to identify, even if in a peripheral or indirect way, the presence of something outside the language, which we can interpret as not only subjectivity, but a principle.

**Keywords:** Saussure. Subject. Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL. E-mail: vitorwerner@gmail.com

## Introdução

“O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 25).

A citação acima, presente nas primeiras páginas do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, nos apresenta um Saussure diferente daquele reconhecido como o fundador da Linguística moderna. O Saussure clássico, fundamental para o avanço da Linguística e do estruturalismo, apoia-se num projeto que pode ser lido como paradoxal. A obra saussuriana, com todas as dificuldades e ambiguidades que comporta, é um texto parcial, que busca construir um conceito de língua a partir da noção de sistema, mas que esbarra a todo momento num “fora da língua”. Em outras palavras, mesmo que Saussure não tenha desenvolvido uma teoria da subjetividade, um olhar mais atento, segundo Medeiros (2016, p. 131), “pode mostrar que o sujeito está lá, num movimento de presença-ausência, mais ou menos evidenciado a cada momento”.

Reconhecemos que a sobrevivência de Saussure está ligada à leitura “científica” de sua obra. Dessa forma, não ignoramos todo o empenho de Bally e Sechehaye pela síntese e transmissão de suas ideias. Contudo, tal fato não invalida nossos questionamentos. Se, por um lado, o Saussure clássico garante a sobrevivência de sua obra e o advento da Linguística moderna, por outro, a reduz a um modelo científico, silenciando toda a tensão e subversão do seu texto.

Nosso posicionamento frente a essa questão leva-nos a propor a leitura de um outro Saussure que corre nas entrelinhas do *CLG*, mas nem por isso menos presente e atuante “ao ponto de ser impossível o seu completo recalçamento” (MALISKA, 2003, p. 23).

A partir dessa breve introdução, nos perguntamos se de fato Saussure exclui o sujeito de sua obra, mesmo que toda tradição dos estudos linguísticos aponte nessa direção. Para tentar avançar nessa discussão, propomos uma reflexão em torno de quatro eixos teóricos: a dicotomia língua e fala, a arbitrariedade do signo linguístico, o “esquema das duas massas amorfas” e as relações sintagmáticas e associativas.

Para fundamentar o debate, iremos desenvolver um panorama do pensamento saussuriano, passando pela noção psicanalítica de sujeito, pelas perspectivas de alguns autores da filosofia da linguagem sobre o caráter subjetivo da língua até chegarmos ao nosso objeto propriamente dito: a possibilidade de um sujeito no “Curso de Linguística Geral”.

## Um panorama do pensamento saussuriano

Para desenvolver este tópico, vamos refletir teoricamente sobre algumas afirmações de Saussure apresentadas do *CLG*. Esse método tem como objetivo apresentar os conceitos de forma mais específica, auxiliando na sua compreensão.

Segundo Saussure (1916/2006, p. 22), “[...] a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam [...]”. O trecho apresentado é um recorte do capítulo III do *CLG*, em que Saussure aponta a única falha com relação à aproximação metafórica da língua com o jogo de xadrez. Segundo o linguista, no jogo de xadrez, há uma intenção antes da execução de uma jogada, uma reflexão do jogador antes de exercer uma ação sobre o sistema. Já a língua não é intencional, mas regida pela causalidade do signo linguístico em toda sua espontaneidade.

Ao afirmar que “[...] o signo está em condições de alterar-se porque se continua”

(SAUSSURE, 1916/2006, p. 90), o autor aponta para a mutabilidade da língua, mas carrega uma oposição em seus termos ao relacionar o princípio de alteração com o princípio de continuidade. O que Saussure quer dizer é que a mutabilidade da língua é assegurada por sua continuidade, ou seja, é só porque a língua continua que os signos podem se transformar, modificando também a própria língua, independentemente das intenções do falante. “A língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 89). Vemos também nesse exemplo o princípio de autonomia da língua em relação aos fatos individuais de fala.

Um outra importante passagem é a que afirma que “a **língua [...] é um todo por si [...]**” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 17), referindo-se a uma parte da resposta de Saussure à pergunta “Mas o que é a língua?”. Na tentativa de defini-la, o linguista a diferencia da linguagem, esta última descrita como multiforme e heteróclita. A língua, ao contrário, “é um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 17). Ou seja, a língua é um todo em si porque é definida como um sistema autônomo, fechado e que “conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 31). Na língua, o que está em jogo são os seus elementos internos e as relações de seus termos na produção do valor linguístico. Os fatores extralinguísticos e individuais, segundo Saussure, não interferem na significação do signo.

Assim, ao afirmar que “[...] na língua há apenas diferenças sem termos positivos” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 139), e que “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 130), o autor sustenta que toda significação é produzida a partir das diferenças entre os termos. Assim, “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que

levam a significação” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 137).

Por fim, uma das máximas saussurianas que auxiliou a Linguística a ocupar o posto de ciência moderna refere-se à lógica acerca do seu objeto de estudo. Nas palavras de Saussure (1916/2006, p. 15), “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto [...]”.

Assim, se admitirmos que o objeto da Linguística precede o ponto de vista do pesquisador, assumiríamos a ideia de que a linguagem não seria um fenômeno complexo, multiforme e heteróclito, como definiu Saussure (1916/2006), mas um conceito passível de uma única explicação. O que encontramos no *CLG* são definições complexas e, muitas vezes, ambíguas sobre o campo da linguagem, fato esse que nos faz caminhar com cuidado quando se tenta aproximar as ciências humanas das ciências naturais.

Saussure se pergunta: Qual o objeto da Linguística? E logo depois responde: “a questão é particularmente difícil [...]”. E continua, “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 15). Isso porque, quando tentamos transpor um método das ciências naturais para as ciências humanas, sem as devidas precauções, corremos o risco de generalizar um fenômeno complexo ou reduzi-lo ao seu objeto.

Saussure assume os riscos e conduz seus estudos sobre a linguagem delimitando-a e definindo-a como um sistema sobre o qual a língua se assenta e se organiza. Mas, ao definir a língua como objeto da Linguística, o linguista exclui a fala, lado individual da linguagem, bem como o discurso, funcionamento ideológico e histórico da linguagem. Dentro dessas três perspectivas – língua, fala e discurso –, encontramos contradições

e diferenças que não nos permite definir, de forma homogênea, um objeto da linguagem.

Isso quer dizer que não há, por excelência, um objeto que represente toda ciência da linguagem. Ele não está pronto, deve ser criado a partir do ponto de vista do pesquisador, ou seja, do lugar que este ocupa na teoria.

## A noção psicanalítica de sujeito

Distinto da noção de indivíduo praticada pela ciência, o sujeito da Psicanálise vem romper com o método cartesiano ao postular a hipótese do inconsciente, apropriando-se das bases do *cogito ergo sum*, afirmando lá onde penso, não sou e o sujeito é, lá onde não pensa, no inconsciente. Supõe-se assim, que há um sujeito do inconsciente (sonho, lapso, sintoma, chiste), ou seja, o sujeito deixa de ser pensado como substância para assumir um lugar *não-todo* na sua relação com o Outro<sup>2</sup>. Em outras palavras, o sujeito perde o *status* de senhor de sua própria casa para habitar um lugar parcial assujeitado pela linguagem.

Trata-se do sujeito dividido, cindido pela falta inerente à estrutura linguageira. Segundo Milner (2012, p. 28), “falar de língua e de partição é reconhecer que não se pode dizer tudo. Em outras palavras, o puro conceito de língua é o de um não-todo”. De acordo com Paul Henry (1992), o sujeito está dividido como aquele que sonha, “do qual uma parte lhe é invisível para sempre e que ele só pode conhecer através de uma experiência intersubjetiva, que é uma experiência de discurso” (HENRY, 1992, p. 170). Como aquele que cometeu um lapso, afirma Werner (2018, p. 264), “o sujeito não se reconhece no ato da fala, há um estranhamento, a produção provisória de um outro entre o sujeito e a língua, nomeado pela psicanálise de sujeito do inconsciente”.

<sup>2</sup> Conceito psicanalítico entendido aqui como correlato a linguagem.

Lacan destacou as relações entre a Psicanálise e a linguagem, refletidos no famoso aforismo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A estrutura psíquica passa a ser vista como sendo constituída pelas leis próprias da linguagem, sendo que os processos inconscientes de condensação e deslocamento, presentes nas formações do inconsciente, têm uma condição análoga à metáfora e à metonímia.

Desse modo, o simbólico prima ao nascimento, já que há todo um universo organizado em leis, linguagem e cultura. É desse lugar simbólico da linguagem que advém a chance de estruturação psíquica do sujeito, ainda que o estabelecimento dessa estrutura não seja o produto de um único acontecimento, mas sim, um processo de construção dialética entre o sujeito e o Outro (BERNARDINO; ROHENKOHL, 2002). Nesse sentido, a constituição subjetiva é o produto da verbalização do sujeito, isto é, da inscrição dos significantes no corpo biológico. Com a assumpção de que o corpo e o psiquismo constituem-se simultaneamente a partir de uma série de investimentos por parte daqueles que cumprem as funções paternas e maternas, a Psicanálise ressalva que a constituição psíquica se inicia com as trocas libidinais entre o bebê, seu corpo e seus cuidados.

Desse modo, o que poderia ser um problema para quem busca observar o lugar do sujeito nos estudos saussurianos – que privilegia a língua em detrimento da fala, esta marcada como um fato individual que tomaremos aqui como manifestação da subjetividade –, constitui-se, segundo Nóbrega (2008, p. 5), como “uma porta aberta para o diálogo com os estudos da psicanálise lacaniana, pois marca a possibilidade de ver o sujeito não mais na sua superioridade, como ser que é porque pensa, mas como efeito de linguagem”.

Saussure, ao tentar definir o objeto da Linguística afirma: “[...] o fenômeno da linguagem apresenta perpetuamente duas faces que se

correspondem das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 15). Acrescenta mais adiante: “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 16). No entanto, ao classificar a língua como o objeto da Linguística, o autor separa a língua da fala, e com isso, segundo o linguista, “o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 22).

Aqui, ao mesmo tempo em que Saussure especifica a indissociabilidade que une língua e fala, trata de categorizá-las, poucas páginas adiante, como dois objetos independentes. Esse paradoxo permite um primeiro vislumbre de subjetividade presente em sua obra. Como afirma Normand (2009, p. 133-134),

Saussure havia afastado o “sujeito”, como tanto se insistiu em dizer, ou, pelo menos, o indivíduo, que, marcado pelos traços da consciência, da liberdade, da singularidade, ficava reservado, ou abandonado, ao domínio da fala. Essa oposição, no entanto, não resolvia inteiramente a questão, e o indivíduo está sempre presente: ao mesmo tempo passivo (a língua lhe é imposta, ‘depositada’ em seu cérebro) e ativo (ele interpreta as formas, criando-as a cada emprego).

Nesse sentido, mesmo que o sujeito não esteja presente de forma explícita no *CLG*, seria problemático negar a pertinência de sua função marginal.

## **A linguagem como instrumento subjetivo de poder**

A proposta psicanalítica acerca da subjetividade não se restringe ao campo do saber psicológico. Autores como Benveniste, Pêcheux, Bakhtin, Barthes, Foucault, Deleuze e Guattari dialogam com a ideia de pensar dialeticamente sujeito e linguagem e suas relações de poder. Nas palavras de Benveniste (2005, p. 285),

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

A crítica à Linguística clássica, que busca constantes para se afirmar como ciência, não é contemporânea. Mikhail Bakhtin, em 1929, no capítulo 5 do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* afirma que “o sistema linguístico é produto de uma reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação” (BAKHTIN, 1981, p. 85).

Esse fragmento traz dois pontos fundamentais da teoria de Bakhtin, o primeiro refere-se ao deslocamento do conhecimento, do “eu” para o “nós” ou para os “Outros”. Quando o autor afirma que a reflexão sobre a língua não procede da consciência do locutor nativo, entende-se que tal reflexão só seria possível a partir do contexto histórico e ideológico ao qual o locutor está inserido. Em outras palavras, não há uma reflexão pura e totalmente consciente, pois somos produtos do discurso, atravessados por ele, pois carregamos em nossa voz muitas vozes. Além disso, há uma outra voz inconsciente que não temos acesso, que tem “vida própria” e irrompe sem nos darmos conta trazendo um sujeito que muitas vezes não reconhecemos.

O outro ponto refere-se a pensar a língua não como comunicação, mas como um ato político, pois tudo que falamos está carregado de significantes prévios, culturais, ideológicos e históricos. Para Bakhtin, a significação não está numa relação estrutural e sistemática (homogênea), mas na heterogeneidade das relações, no contexto histórico do acontecimento.

Na perspectiva de Deleuze e Guattari, toda palavra é uma palavra de ordem, “a linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas



para obedecer e fazer obedecer” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 12). Ou seja, a linguagem é um instrumento de poder que não serve para comunicar, mas para transmitir palavras de ordem. Não se comunica uma informação, ordena-se, interroga-se, promete-se; não se informa um comando, ele é posto como ato incutido de significantes culturais e ideológicos. Isso porque, todo discurso é indireto, atravessado pelo Outro, pela história e todas essas marcas não ficam de fora no momento da fala.

Para Deleuze e Guattari (2011), não é possível pensar a palavra fora do campo ideológico, por isso toda palavra é uma palavra de ordem porque carrega consigo pressupostos implícitos, “com atos de fala que se realizam no enunciado” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 17). No entanto, se toda palavra é uma palavra de ordem, quais seriam as chances de uma transformação política?

De acordo com Deleuze e Guattari, uma possível saída diz respeito à produção de linhas de fuga. Um modo de subverter e problematizar a linguagem transformando “sentenças de morte” em “palavras de fuga”. De uma estrutura cristalizada, dada como verdadeira, propõe-se uma desterritorialização, mostrando o não sentido, a multiplicidade e denunciando a homogeneidade do discurso.

Roland Barthes corrobora para a discussão ao afirmar que, ao mesmo tempo em que a língua é instrumento de poder e dominação, ela também é uma via de resistência e política capaz de produzir uma modificação ou transformação no discurso. Mas o que há fora da linguagem? Talvez, como afirma Barthes, uma liberdade total, mas continua do autor, “infelizmente a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado” (BARTHES, 2012, p. 7). Para aqueles que se distanciam muito ou totalmente da linguagem, “os loucos” em sua maioria, seus atos não têm função política, pois estes não tem voz na Polis.

Por isso, a língua deve ser combatida no seu interior, ou seja, pela própria língua, mas como? Segundo o autor, trapaceando a língua, produzindo uma esquina, um logro “que permite ouvir a língua fora do poder” (BARTHES, 2012, p. 8), uma revolução permanente da linguagem que chamou de literatura.

Barthes nos adverte que essa revolução no interior da língua não está localizada na mensagem de que ela é instrumento, mas, segundo o semiólogo francês, “pelo jogo das palavras de que ela é teatro” (BARTHES, 2012, p. 8), pelas forças de liberdade que a literatura representa e busca ao longo de sua história.

Em sua aula inaugural no Collège de France, Foucault define a linguagem em termos discursivos, sublinhando seu caráter subjetivo e, por isso, parcial. Para o historiador, um discurso é formado por uma rede de signos que se conecta a outros tantos discursos em um sistema aberto que tanto registra quanto reproduz e estabelece os valores de determinada sociedade, perpetuando-os (FOUCAULT, 1996). Segundo o autor, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Em resumo, é pela linguagem e com a linguagem que se fixam os lugares na sociedade, afirmando quem tem e quem não tem voz na Polis. É a partir dessa estrutura que as relações irão ocorrer, numa tentativa, muitas vezes, de naturalizar esses lugares como pré-existentes. Rancière (2009) nos mostra essa partilha e nos esclarece como a linguagem (logos) pode produzir preconceitos, indiferença, objetificação.

Avançando um pouco, Bakhtin, Deleuze e Guattari, Barthes aproximam-se quando tomam a língua como um instrumento não de comunicação/informação, mas como um ato subjetivo, político e ideológico. A crítica à Linguística clássica também

é um ponto em comum entre os autores. Seguindo essa linha, podemos dizer que a linguagem não é neutra, que não há linguagem totalmente isenta de subjetividade.

## **Da subjetividade no Curso de Linguística Geral**

De acordo com Saussure (1916/2006, p. 81), “o laço que une o significante ao significado é arbitrário [...], ou podemos dizer: o signo linguístico é arbitrário”; ou seja, não há nenhuma determinação do significado frente ao significante e vice-versa. Segundo Arrivé (1999), o significante laciano segue o princípio da arbitrariedade proposta por Saussure. Com uma ressalva: para Lacan, o termo “arbitrário” pressupõe uma decisão, e toda decisão implica um decisor, fato este que anularia a arbitrariedade do signo e acenaria para um possível sujeito em Saussure. Lacan propõe substituir o termo arbitrário por contingente, evitando, segundo Arrivé (1999), toda alusão subjetiva pressuposta no termo saussuriano. Nesse sentido, podemos afirmar que “Lacan é aqui mais saussuriano do que o próprio Saussure” (ARRIVÉ, 1999, p. 104).

Na metáfora das massas amorfas, a suposição de um sujeito saussuriano é ainda mais perceptível. Nesse esquema, Saussure tenta ilustrar duas questões. A primeira é a indeterminação antes do aparecimento da língua: “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (SAUSSURE, 1916/2006, p.130). Depois, a representação da reciprocidade do signo. Ou seja, Saussure parte de uma indeterminação que dá lugar à uma forma, produzida a partir de cortes realizados nessa massa. Mas quem corta a massa e escolhe as partes do espectro? Já que toda ação pressupõe um sujeito que a pratica? A metáfora da folha de papel ilustra essa ideia. Afirma Saussure (1916/2006, p. 131) que “a

língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode contar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro [...]. A pergunta permanece. Quem corta a folha de papel, quem escolhe o local, a direção e a intensidade que a folha de papel será manipulada? Frente a esses questionamentos, não poderíamos supor um “fora da língua” que permeia o sistema saussuriano?

Ao discutir as relações sintagmáticas e associativas, nos deparamos com dois paradoxos que favorecem nossa hipótese. O primeiro diz respeito à impossibilidade de separar língua e fala, demonstrada pela relação de dependência entre esses dois eixos. Depois, pelo caráter mnemônico das relações associativas, que se apresenta imediatamente relacionada ao sujeito falante. Nas palavras de Saussure (1916/2006, p. 143), “[...] elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro que constitui a língua de cada indivíduo”. Segundo Medeiros (2016, p. 136), “se não se está falando diretamente sobre o sujeito, está se falando sobre um processo que acontece inteiramente em sua cognição – e que o tangencia, portanto.

O eixo sintagmático é responsável pela relação entre os elementos presentes no mesmo segmento de língua. Seu valor linguístico é produzido a partir da combinação de seus elementos. De acordo com Saussure (1916/2006, p. 208), “colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”. No eixo associativo, segundo Merquior (1991), as relações são entre o mesmo elemento e outros ausentes, mas mutuamente substituíveis. Um elemento pode ser associado com outro(s) sempre que as palavras oferecerem algo em comum. Essas associações não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada, ou seja, as relações não são lineares, existe na memória, na consciência do sujeito falante.

Portanto, segundo Nóbrega (2008), a organização sintagmática e a escolha na cadeia associativa são obras de um sujeito falante e devem ser a ele atribuídas. O sintagma, limitado pelo fato social, mas que ao mesmo tempo constitui o lugar onde o sujeito irrompe, dando prova de sua existência, nos demonstra que o mecanismo da língua, em toda sua complexidade, baseia-se numa relação de não-saber sobre a língua. O sujeito, pensado na relação entre esses dois eixos da linguagem, “desliza entre a estabilidade da língua e a liberdade da fala” (NÓBREGA, 2008, p. 8).

Dessa maneira, afirma Hugo (2013, p. 13), “os elementos da língua só adquirem valor (realidade concreta) em seu uso social em um determinado estado de língua, em que são significativos para os sujeitos falantes”. Dito em outras palavras, mesmo que a arbitrariedade do signo instaure um sistema linguístico formal, é o sujeito falante que irá operá-lo, pois ele é o único que tem acesso a uma sincronia.

Sem chegar a um ponto final, nos perguntamos por que não falar diretamente de um sujeito em Saussure? Uma interpretação possível pode ser desenvolvida por meio da Análise do Discurso (AD), que afirma que, por vezes, o não-dito também produz efeitos de sentidos no discurso. Segundo Orlandi (2007), o não-dito não é o silêncio, pois pressupõe um dito e opera no discurso via palavra. Trata-se de um conceito que não está necessariamente submetido ao enunciado, mas indica que ao longo da cadeia significante “há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2009, p. 89). Para a AD, não estamos diante de um fenômeno raro ou aleatório, o não dito-dito está presente em toda produção discursiva, pois está submetido ao campo do Outro.

Talvez esse não-dito possa nos auxiliar a compreender como um trabalho que se tornou um marco na Linguística moderna, ao ser lido sob

uma perspectiva que buscou isentar o texto de sua subjetividade, foi, ao mesmo tempo, um dos pilares para a construção do conceito de sujeito em Lacan e da teoria da Enunciação de Benveniste. Isto é, algo que estava lá, mas afim de priorizar os conceitos que orientariam a Linguística, foram deixados de lado.

Sobre o último, conhecido pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Saussure, Émile Benveniste, em sua conferência intitulada *Saussure após meio século* (1963), já identificava o caráter paradoxal do *Curso de Linguística Geral*, tratando-o de forma construtiva. Afirma Benveniste (2005, p. 45), “certos linguistas censuram a Saussure o comprazer-se em sublinhar paradoxos no funcionamento da linguagem. A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não veem”.

Como todas as ideias fecundas, continua Benveniste (2005, p. 46), “a concepção saussuriana da língua trazia consequências que não se perceberam logo. Existe, mesmo, uma parte do seu ensinamento que permaneceu meio inerte e improdutiva durante muito tempo. Ao propor a teoria da Enunciação, Benveniste afirma algo que já estava no *CLG*: que língua e fala são duas faces de uma mesma moeda, que o lado social e individual da linguagem são indissociáveis. Segundo Medeiros (2016, p. 133), “o que Benveniste viria a postular com sua teoria enunciativa, colocando sujeito no centro da linguagem [...], não é de todo ignorado por Saussure”.

De acordo com Benveniste (2005, p. 27), “a partir da função linguística, e em virtude da polaridade do eu: tu, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares”. Isso faz da linguagem o próprio meio da relação intersubjetiva, e não um mero instrumento de comunicação.

Finalmente, não se trata de buscar o “verdadeiro Saussure” ou a leitura mais transparente



do *Curso de Linguística Geral*. Nosso objetivo é lançar mais uma perspectiva da obra saussuriana, que não é nova, mas que pode auxiliar na desconstrução de um modo formatado de ler o *CLG*, produzindo ressignificações e sentidos de uma obra ainda em formação, e por isso, marcada por faltas e ambiguidades.

## Conclusão

Após mais de cem anos, as discussões em torno das ideias de Saussure não esgotaram a sua fecundidade. Sua obra continua a nos interrogar, revelando sua contribuição não somente para a Linguística, mas para outras áreas do campo da linguagem. Na realidade, mesmo que muitos linguistas descrevam a obra saussuriana como ultrapassada, o que vemos é um texto que continua transitando e nos questionando sobre o lugar da língua, da fala e do sujeito no fenômeno da linguagem.

Julgamos que nosso objetivo foi contemplado, pois, ao reler o *CLG* orientado pela subjetividade, conseguimos mapear as primeiras pistas presentes nessa obra que indicam que, para além de um sistema sincrônico e arbitrário, há um “fora da língua” que habita a linguagem e ela não dá conta de excluí-lo por inteiro.

## Referências

- ARRIVÉ, M. *Linguagem e Psicanálise, Linguística e Inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BAKTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARTHES, R. *Da ciência à literatura. O rumor da língua*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- BASÍLIO, R. *O lugar do sujeito no sistema saussuriano de língua*. Anais do SILEL. Vol. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BENVENISTE, E. *Saussure após meio século. Problemas de linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Da subjetividade na linguagem. Problemas de linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. Problemas de linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BERNARDINO, L. M. F., ROHENKOHL, C. M. F. *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Postulados da linguística. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.2*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola: São Paulo, 1996.
- HENRY, P. *A ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- HUGO, M. S. *O curso de linguística geral e suas possíveis leituras a respeito da teoria do valor*. Revista Investigações, v. 26, n. 2, p. 1-20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/392/0>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- MALISKA, M. E. *Entre linguística & psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure*. Curitiba: Juruá, 2003.
- MEDEIROS, L. V. A. *Em Busca Do Sujeito Em Saussure*. DLCV - Língua, Linguística & Literatura, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 131–138, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/>

index.php/dclv/article/view/22034. Acesso em: 9 nov. 2021.

MERQUIOR, J. G. De Praga a Paris: uma crítica do estruturalismo e do pensamento pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira S/A, 1991.

MILNER, J-C. O amor da língua. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

NÓBREGA, M. Sujeito e sistema em Saussure: Uma relação possível? ReVEL. Edição especial n.2: 2008.

NORMAND, C. Saussure. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ORLANDI. E.P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1916/2006.

WERNER, V. A. O tripé fundador da análise do discurso: as interfaces de uma teoria de entremeios. Revista Inventário, n. 23.2, Salvador, jul., p. 259-270, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29566>. Acesso em: 13 nov. 2021.

**Submissão: janeiro de 2022.**

**Aceite: abril de 2022.**